

## UM HOMEM COMO OUTRO QUALQUER: JOSÉ PAULO PAES

*Rodrigo Nunes*

José Paulo Paes era um homem avesso a ênfases — no escrever, no falar, no proceder. Detestava chamar atenção, e seu comportamento discreto era, em um homem constante, talvez a constância predominante. Em situações sociais parecia se ocupar sobretudo com sua bengala, girando-a lentamente diante dos olhos. Chegou mesmo a homenageá-la:

*Contigo me faço  
pastor do rebanho  
de meus próprios passos.*

Gostava de conversar, gostava menos de discutir — tinha de áspero apenas os cabelos cortados à escovinha, aliás irretocáveis — e menos ainda de discursar. Pastoreava apenas os próprios passos. Valorizava o bom humor e, quando contrafeito, apenas fazia avançar rigidamente o queixo, como se o deslocamento anormal de uma parte do rosto revelasse com clareza a situação em que se encontrava.

Em 1995 a editora Atual encomendou-lhe uma pequena autobiografia que desse aos leitores mais jovens alguma idéia da trajetória de um poeta. O título do livro era a sua cara: *Quem, eu? — um poeta como outro qualquer*, e fazia referência a um programa de rádio dos anos 40, no qual os humoristas Lauro Borges e Castro Barbosa comandavam um show de calouros. Em certos momentos, chamavam alguém

da platéia e então se ouvia ao fundo as vozes de “quem, eu?”, ansiosas por serem levadas ao palco. No seu caso, porém, a interrogação traduzia mais espanto que ansiedade. Afinal de contas, não pusera todo seu esforço em viver sem itálicos, e agora lhe vinham com a encomenda de sublinhar os momentos marcantes de sua existência?

De fato, os acontecimentos exteriores de sua vida caberiam numa página: nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, em 1926, em uma família de classe média baixa, filho de pai português e mãe brasileira; desde criança revelou-se pouco fotogênico, o que o desajeito das fotos feitas na maturidade, para jornais, apenas confirmou; fez primário e ginásio no interior do estado e, em 1944, mudou-se para Curitiba, onde se formou no curso técnico do Instituto de Química do Paraná; passou a morar na cidade de São Paulo em 1949, e aí trabalhou onze anos numa indústria farmacêutica, a Squibb, e quase vinte anos na editora Cultrix, quando se aposentou e passou a dedicar-se integralmente a escrever. Tinha a saúde frágil — sobretudo em função de um grave problema circulatório — e não teria chegado aos setenta anos se não tivesse conhecido o grande amor de sua vida, Dora, bailarina admirável com quem se casou em 1952 e cujos cuidados o ajudaram a superar as armadilhas da natureza. Também no amor Zé Paulo falava baixo:

*Meu amor é simples, Dora,  
como a água e o pão.  
Como o céu refletido  
Nas pupilas de um cão.*

Esses acontecimentos, à exceção de Dora, foram ape-

nas os portos em que teve de atracar para chegar a outro destino — e que tenha chegado é coisa que fascina. Não podia afinal ter se satisfeito com uma das paradas, se acostumado com ares e gentes e ali ter construído pouso? Difícil não perder o norte quando não se sabe bem onde ele fica nem se se está preparado para ele. Na dúvida, não custava ter um abrigo provisório onde pudesse ter paz para imaginar como viveria um dia. E aos poucos construíram, ele e Dora, uma pequena casa no bairro de Santo Amaro, que com o tempo tornou-se o ancoradouro definitivo. Em pouco mais de 150 metros quadrados encontraram espaço para biblioteca, jardim, uma pequena piscina, mais a casa, em que se dispõem ainda hoje lembranças de viagens e amigos, réplicas de esculturas gregas e telas modernas, garfuchas e antigas máquinas de costura adaptadas a novos usos. Parecia com a vida deles: uma grande variedade de coisas e ambientes que uma vontade não impositiva soube aos poucos aproximar e afeiçoar.

Muitos outros escritores e intelectuais brasileiros (ou estrangeiros que aqui viveram) conseguiram sobreviver à margem das instituições oficiais de ensino e pesquisa. Possivelmente tenham sido mesmo maioria até o início dos anos 1960 — até pela ausência de instituições que os abrigassem —, e a cultura do país não seria a mesma sem a contribuição de pessoas como Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Caio Prado, Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld, Bárbara Heliodora, Augusto de Campos, Fausto Cunha, os intelectuais (tantos!) ligados ao Itamaraty... a lista não teria fim. Sem dúvida, o fortalecimento das universidades e de outros centros de pesquisa teve um papel imprescindível para a cultura do país. Mas a influência decrescente desses grandes “ama-

dores” também trouxe à nossa produção cultural — de par com os discutíveis ganhos do rigor universitário — algum desamor que, receio, deixou pelo caminho aspectos que fazem falta.

Um país com a produção intelectual tão profissionalizada como os Estados Unidos ainda se alimenta de um sem-número de escritores, críticos e ensaístas não universitários. Talvez não tenham mais o peso de figuras do porte de Clement Greenberg, Edmund Wilson, Susan Sontag, H. L. Mencken, James Agee, Dwight McDonald. Ainda assim, eles contrapõem ao conhecimento universitário uma perspectiva na qual a cultura mantém — talvez utopicamente — muito da sua vocação universalista e democrática.

Quando olhamos mais de perto a formação de Zé Paulo, essa capacidade de cidadãos comuns impulsionarem saberes e artes chega a ser comovente. Não me refiro apenas a seu avô tipógrafo, em cuja casa cresceu, e a esse contato íntimo entre letra e matéria, esse fascínio de dar multiplicidade aos pensamentos por meio de uma atividade artesanal e de conviver com a admirável tensão entre o chumbo das fontes tipográficas e a abstração de conceitos, idéias e metáforas. Penso também na importância que teve para ele, ainda em Taquaritinga, um ex-sargento da Força Pública, Antônio Mendonça, homem simples que se educou em meio às correntes de esquerda da época e que, em função delas, perdeu o posto, vindo a ser professor de educação física na cidade. Com ele, Zé teve acesso a Górkki, ao *ABC do comunismo* de Bukharin e a outros textos marcantes da esquerda da época. Ou então, em outro nível, as sugestões fornecidas por um homem de educação mais formal, Oswaldo Elias Xedieh, que visitava parentes em Taquaritinga e abria um pouco os horizontes do nosso qua-

se capiau.

Não creio que trace uma visão romântica da formação do Zé Paulo. Busco entender por que certas influências o conduziram, posteriormente, a priorizar determinados aspectos do trabalho de escritor: clareza, correção, preocupação com o leitor, adequação aos meios em que escrevia e um quase desprezo a qualquer ostentação de brilhantismo ou erudição. De certo modo — principalmente como crítico literário — Zé Paulo escrevia para pessoas que, como ele, se relacionavam com a cultura de maneira não profissional, e que nem por isso mantinham com a produção artística um vínculo superficial. Quando fecho os olhos e busco uma imagem forte das realizações do Zé Paulo, me vem à mente o infalível “tradução, introdução e notas de José Paulo Paes” que sempre acompanhava seus notáveis trabalhos de tradutor.

A preocupação do escritor com o público certamente tem relação com as posições políticas de José Paulo Paes. Foi nos tempos de Curitiba — quando se tornou amigo de Dalton Trevisan e de tantos outros literatos da cidade também importantes em sua formação — que ele se aproximou do Partido Comunista Brasileiro e passou a se envolver mais diretamente com as formas de organização que se opunham às práticas políticas tradicionais do país. No entanto, as concepções estreitas do PC brasileiro, tanto em relação à arte quanto à própria sociedade — sem falar da irrestrita defesa dos descaminhos da União Soviética —, logo o afastaram de seus círculos. Mas por toda a vida Zé Paulo continuou a se considerar um homem de esquerda, e a visão ácida que expressava em boa parte de seus poemas não deixa lugar a dúvidas.

Ele costumava dizer, e não era uma *boutade*, que tra-

duzia porque não sabia ler em outra língua. Quem nunca experimentou esse dilema não tem uma noção forte do que seja crítica, tradução, análise ou interpretação — porque é sempre de traduções que se trata nessas atividades. Zé Paulo nunca aprendeu nenhuma língua de forma sistemática. Nenhuma. De algumas delas, como o holandês, se aproximou por meios prosaicos: aquelas coleções de discos que prometiam um acesso indolor a línguas de pouca circulação. E no entanto chegou a resultados formidáveis. Enfim, desconfio que ele queria provar que qualquer um, desde que movido por um encanto sem limite para com um objeto cultural, poderia chegar a relacionar-se com ele de forma amorosa e dignificante.

Me vem à mente um personagem de *A náusea*, de Sartre: o velho diletante que lia toda uma biblioteca por ordem alfabética. Péssimo contra-exemplo. Para gente da estirpe do Zé Paulo, o respeito à cultura (e à ordem alfabética) não tinha importância. O que valia era a capacidade de estar à altura das obras que amava. O grande pintor holandês radicado nos Estados Unidos Willem de Kooning, depois de muito acusado de plagiar seu colega Arshile Gorky, saiu-se com uma resposta irretorquível: “Claro, nunca ninguém gostou tanto do Gorky quanto eu!”. Para o Zé Paulo, a tradução era talvez o modo mais nobre de expressar seu fascínio por alguns autores.

Aqui vale uma nuance. Se Zé Paulo era um homem discreto, era também, literariamente falando, um grande lascivo. Que o digam suas traduções de Aretino, sua antologia de poesia erótica e tantas outras devassidões. As palavras pertenciam a outros, mas era ele que as escolhia para traduzir. Sua tradução pioneira e admirável de Kaváfis — feita ainda antes de se aposentar — dá a medida precisa de

seu caráter e vocação. Poucos poetas modernos souberam aproximar, como Kaváfis, de maneira absolutamente inovadora, história e lirismo, Grécia clássica e modernidade, desejo e moral. E isso também era Zé Paulo, quase como um heterônimo. O poeta que, em “Ímenos”, chega a esta tensão:

*Cumprir amar ainda mais e sobretudo  
a volúpia malsã que só com dano se consegue  
e que raro encontra o corpo capaz de a sentir como ela pede —  
que, malsã e danosa, propicia  
uma tensão erótica que a sanidade ignora*

Esse mesmo poeta fazia o elogio de uma moral trágica, de quem precisa realizar uma tarefa justa custe o que custar, como em “Termópilas”:

*Honra àqueles que Termópilas fixaram  
em suas vidas para as defender.  
Que, jamais se furtando à obrigação,  
foram justos e retos nos seus atos,  
mas condoídos, também, e compassivos;  
generosos, quando ricos; quando pobres,  
generosos ainda com seu pouco,  
socorrendo a quem pudessem; proclamando  
sempre a verdade, embora sem nutrir  
ódio algum por aqueles que mentissem.*

*E de mais honra serão merecedores  
se previram (como tantos o fizeram)  
que Efiálte [o traidor] finalmente há de surgir,  
e que os medas finalmente passarão.*

Conheço pouca coisa mais parecida com o destino dos homens justos na sociedade contemporânea. E, no entanto, como Kaváfis, Zé Paulo jamais fez de sua correção moral um moralismo, consciente de que, por mais que elejamos o justo caminho, “quando chega a noite com suas promessas” passam a vigorar outros critérios. E isso também é das pessoas comuns.

Algo de seu estoicismo — porque havia essa dimensão nele — lhe foi imposto pela aterosclerose. O grave problema circulatório o fez abandonar o cigarro (com o qual ainda sonhava mais de dez anos depois de largar o vício), boa parte das bebidas alcoólicas (restou-lhe o vinho branco, bebido moderadamente), quaisquer extravagâncias alimentares, deslocamentos mais arriscados e esforços físicos.

Foi sobretudo no agravamento da doença que Dora deu-lhe uma sobrevida sem a qual seu período de alforria — os dez últimos anos de intensa produção — não teria existido. No entanto, esse item requer mais precisão. Dora não era apenas a companheira que, por conhecer profundamente o corpo humano, e por amar Zé Paulo, obrigava-o a exercícios, dietas e a manter distância dos vícios. Ela — que nos anos 50 foi uma das bailarinas mais avançadas de São Paulo, que se iniciou na dança para vencer uma paralisia infantil, ainda dá aulas de ginástica e até hoje fuma como um turco — intuía como ninguém o projeto difuso que movia o marido e, por admirar essa intenção algo tateante, apoiava-o integralmente. Mesmo porque, nas suas atividades — muitas, tocantes e que ficam para uma próxima história —, Dora realizava um movimento semelhante ao do Zé Paulo, o do anonimato compassivo que credi-



ta na permanência de um núcleo de justiça em meio à sociedade do lucro, e que formidavelmente se compraz com o sentimento de justiça realizada, ainda que em escala modesta. Contudo, sem ela Zé Paulo não teria alcançado a serenidade para trabalhar:

*Como submeter  
O desejo ao fado,  
Se todo o prazer  
Ri da cautela,  
Ri do cuidado  
Que o quer prender?  
Vou despreocupado,  
Dora, tão despreocupado,  
Que nem sei morrer.*

E então, com o agravamento da doença, esse homem discreto e ponderado teve um de seus poucos momentos de excesso, ainda que involuntário e particular. A circulação prejudicada pela doença levou à gangrena de uma das pernas. As toxinas geradas pela necrose se espalhavam pelo organismo e provocavam surtos de delírio tão fortes que ele mal sabia distingui-los da realidade. Com a amputação, Zé Paulo voltou a sua vida de sempre. Da doença ficou um poema notável, *À minha perna esquerda*:

*Longe  
do corpo  
terás  
doravante  
de caminhar sozinha  
até o dia do Juízo.*

*Não há  
pressa  
nem o que temer:  
haveremos  
de oportunamente  
te alcançar.*

*Na pior das hipóteses  
se chegares  
antes de nós  
diante do Juiz  
coragem:  
não tens culpa  
(lembra-te)  
de nada.*

*Os maus passos  
quem os deu na vida  
foi a arrogância  
da cabeça  
a afoiteza  
das glândulas  
a incurável cegueira  
do coração.  
Os tropeços  
deu-os a alma  
ignorante dos buracos  
da estrada  
das armadilhas  
do mundo.*

Quase toda a produção poética de José Paulo anterior a esse livro — *Prosas seguidas de odes mínimas* — se caracterizava por epigramas extremamente econômicos e irônicos, de certa forma semelhantes a sua inserção no mundo. A partir daí, o poeta parece ter se dado o direito de abrir a porta a um narrador mais lírico, que no entanto jamais deixou de lado a ironia dos versos anteriores, como a própria homenagem a sua perna esquerda demonstra.

Essa trajetória de vida descontínua — mas que soube conduzir a uma situação em que afinal Zé Paulo produziu de forma impressionante nos dez anos de alforria — ganharia uma versão postiça se fosse mostrada como um movimento sereno, de alguém que vislumbra, ao fim das mazelas, a paz que tanto almejava. Ao contrário (e apenas Dora testemunhou isso), foram anos de angústia, porque aqueles dez anos de fim de cativeiro podiam não chegar. Mais: se ele se satisfizera com uma formação truncada, típica dos autodidatas, o tempo perdido na indústria farmacêutica ou na edição de livros — muitos deles da maior importância, sobretudo para os estudos literários — roubava um tempo que, bem ou mal, ele sabia que poderia estar sendo empregado em sua formação.

Não há ilação mais difícil do que aquela que aproxima a biografia e a obra de um autor. Numa passagem comovente, falando de Cézanne, Merleau-Ponty diz que o melhor de um artista deve ser buscado em sua obra. É nela que as incapacidades pessoais de alguma forma se redimem, que os nossos limites fazem vislumbrar algo maior do que se conseguiu ser, e por isso as obras *precisam* ganhar a luz do dia. Neuróticos renitentes deixaram trabalhos admiráveis. Cézanne, por exemplo. São os pecadores que entendem de salvação. Não os carolas.

Realmente, com frequência — e quem não viveu essa ilusão deixou de entender a si próprio — tendemos a aproximar, até por generosidade, a grandeza de uma obra ao caráter, igualmente nobre, de seu autor. Do mesmo modo, quem não passou por essa desilusão, por essa discrepância tão corrente, deixou de experimentar uma das dissonâncias mais reveladoras da alma humana. No Zé Paulo, essa angústia conduziu a uma posição tocante: em quase tudo o que fez — à exceção talvez dos poemas — nota-se a preocupação em dialogar com aqueles que, como ele, lidam com a arte e a cultura amorosamente, embora com limites e mesmo ingenuidade. Todo seu extenso trabalho de crítico literário e tradutor tem uma preocupação formadora notável.

Não que ele, nos anos de liberdade, não ousasse: no *Folhetim*, antigo suplemento da *Folha de S.Paulo*, no qual muito colaborou nos anos 80, chegava a sugerir, e com idéias brilhantes, temas que unificavam toda uma edição. Como quando propôs que se realizasse um número sobre Frankenstein — a princípio um tema pouco instigante, mas que na sua sugestão aparecia como o primeiro, e talvez único, mito moderno, a figura que sintetizava inauguralmente o medo do homem moderno diante da revolução tecnológica e das possíveis monstruosidades que ela poderia criar. Massa! Mas também aceitava correr riscos — ele, já um senhor respeitável —, como quando teve papel central num número falso do suplemento, no qual escreveu um artigo inesquecível sobre o artista inexistente que se tornou verdadeiro pelas demandas românticas: Ossian, o bardo gaélico. Todos os outros ensaios supostamente falavam de artistas verdadeiros que o tempo apagara, justamente por não corresponderem a expectativas contempo-

râneas. Foram muitos os intelectuais de prestígio que se recusaram a participar dessa molecagem. Não o Zé.

Mais para o final da vida, essa preocupação formadora se orientou para a realização de poesias infanto-juvenis, sempre acompanhadas de ilustrações que eram discutidas carinhosamente com seus autores. O sucesso desses livros superou tudo o que ele tinha publicado antes. Em parte pela forte demanda por esse tipo de livro. Em parte pela alta qualidade. No que interessa, mais uma vez ficava claro que seu negócio era formar. Muitas vezes discutiu com amigos próximos sua tese de que a literatura de entretenimento era um degrau para a alta literatura. Ele acreditava nisso, ainda que nunca tenha propriamente se metido por essas veredas.

“Não dá para escrever de fraque, mas também não tem cabimento escrever de pijama” — essa frase, que repetia com alguma constância, talvez resuma bem o espírito de sua atuação como escritor. Zé Paulo acabou conquistando — por mérito de seus textos — espaço na mídia, sem nunca adular quem quer que fosse. Ao contrário, tinha um zelo profissionalíssimo com seus textos — quando lhe enviavam um recibo em que se dizia que o periódico passava a ser proprietário do trabalho, jamais assinava. Sempre batalhou para ter uma porcentagem nos textos que traduzia (ou seja, não os vendia) e tratava com aspereza quem lhe supusesse um velhinho senil necessitado de exposição na mídia.

Não tratava a universidade com desdém — alguns de seus grandes amigos estavam lá, como Alfredo Bosi e Masaud Moisés, entre outros —, chegou a dar cursos na USP e na UNICAMP, e realmente parecia não se iludir com as glórias passageiras que a presença em jornais e revistas lhe

concediam. Tratava os mais jovens que o freqüentavam com uma franqueza terna, procurava amenizar neles as angústias por que ele mesmo passara e não os iludia com sucessos e reconhecimentos futuros. Sua companhia era um pouco a garantia de que a simplicidade e a modéstia faziam sentido, e de que a sede de nomeada talvez fosse a pior forma de servidão. À sua maneira, afirmou um modo *sui generis* de trabalhar com arte e cultura, algo poucas vezes feito no país, e isso, convenhamos, anima mais que muita retórica edificante.

José Paulo Paes morreu há dez anos, e detestaria ser lembrado por um número par. Justo ele, que até nas pernas contentou-se com um número ímpar.

*São Paulo, outubro de 2008*